



LÍNGUA E LINGUAGEM: UM DEBATE AINDA ABERTO NO CAMPO DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS

*LANGUAGE AND COMMUNICATION: AN ONGOING DEBATE IN THE FIELD OF
ACADEMIC LITERACIES*

*LENGUA Y LENGUAJE: UN DEBATE AÚN ABIERTO EN EL CAMPO DE LAS LITERACIDADES
ACADÉMICAS*

Amábile Piacentine Drogui

E-mail amabile.piacentine@unespar.edu.br

Vera Lúcia Lopes Cristovão

E-mail: cristova@uel.br

RESUMO

Este estudo reflexivo retoma a problemática conceitualização de língua e linguagem, trazendo para o debate pressupostos de quatro correntes teóricas que fundamentam diferentes ações e pesquisas sobre letramentos acadêmicos no Brasil, a Perspectiva Vygotskyana, o Círculo de Bakhtin, o Interacionismo Sociodiscursivo e a Pedagogia dos Multiletramentos (Grupo de Nova Londres). Em cada seção, fica o convite para discutir, a partir de nossas indagações e inquietações, as definições desses termos e as possibilidades que abrem ou fecham para determinados estudos. A discussão estabelecida permite inferir que há, ainda, lacunas e divergências paradigmáticas, no campo dos letramentos acadêmicos, quando se trata de conceituar a linguagem e nomear a comunicação humana por meio do verbal e do não verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Conceitos. Linguagem. Letramentos Acadêmicos.

ABSTRACT

This reflective study takes up the problematic conceptualization of language and communication, bringing to the debate assumptions from four theoretical currents that underpin different actions and research on academic literacies in Brazil, the Vygotskian Perspective, the Bakhtin Circle, the Sociodiscursive Interactionism and the Multiliteracies Pedagogy (New London Group). In each section, there is an invitation to discuss, based on our questions and concerns, the definitions of these terms and the possibilities they open or close for certain studies. The discussion established allows us to infer that there are still gaps and paradigmatic divergences in the field of academic literacy when it comes to conceptualizing language and naming human communication through verbal and nonverbal means.

KEYWORDS: Concepts. Language. Academic Literacies.

RESUMEN

Este estudio reflexivo retoma la problemática conceptualización de lengua y lenguaje, aportando al debate supuestos de cuatro corrientes teóricas que subyacen en diferentes acciones e investigaciones sobre literacidades académicas en Brasil, la Perspectiva Vygotskyana, el Círculo de Bajtín, el Interaccionismo socio-discursivo y la Pedagogía de las Multiliteracidades (New London Group). En cada apartado hay una invitación a discutir, a partir de nuestras preguntas e inquietudes, las definiciones de estos términos y las posibilidades que abren o cierran para determinados estudios. La discusión establecida permite inferir que aún existen huecos y divergencias paradigmáticas en el campo de las literacidades académicas, cuando se trata de conceptualizar el lenguaje y nombrar la comunicación humana mediante lo verbal y lo no verbal.

PALABRAS CLAVE: Conceptos. Lenguaje. Literacidades Académicas.

INTRODUÇÃO

Consideramos que os termos linguagem e língua são essenciais, talvez os mais importantes, para nortear qualquer pesquisa na área da Linguística, Textual ou Aplicada.

Neste ensaio, temos por objetivo discutir esses conceitos e refletir sobre como o modo de defini-los incide diretamente nas práticas e nas pesquisas relacionadas aos letramentos acadêmicos.

Não é de hoje esse debate, sabemos que desde Aristóteles e Platão há desencontros nas definições desses vocábulos. Muitos são os estudos que, atualmente, se debruçam sobre os letramentos acadêmicos, mas parece que nos está escapando fundamentação teórica de base, alicerce para dialogar com novas teorias sem incorrer em divergências paradigmáticas. Não é raro encontrarmos trabalhos que se afirmam filiados a uma determinada corrente teórica e apresentam dados ou percursos que negam princípios epistemológicos essenciais dessa teoria.

Entre as principais correntes teóricas que influenciam as pesquisas sobre letramentos acadêmicos no Brasil estão a Perspectiva Vygotskyana, a Perspectiva Dialógica (Círculo de Bakhtin), o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e a Pedagogia dos Multiletramentos (Grupo de Nova Londres). Discorreremos, de modo bastante objetivo, sobre as concepções de língua e linguagem dessas vertentes. São muitos os outros aspectos que cada uma abarca, contudo, nosso foco está nas nomenclaturas e o que cabe (ou não) em seus escopos. Não nos ateremos a como cada corrente concebe o signo, mas a como nomeiam o verbal e o não verbal.

Almejamos deixar questionamentos sobre as conexões viáveis e inviáveis entre essas teorias, assim como apontar a necessidade de rever algumas nomenclaturas em nossas práticas de ensino e de pesquisa.

PERSPECTIVA VYGOTSKYANA

Embora não tenha se dedicado, prioritariamente, aos processos de aprendizagem e desenvolvimento na fase adulta, Vygotsky é base para diferentes correntes teóricas que fundamentam estudos sobre os letramentos acadêmicos.

Vygotsky centra parte de sua pesquisa na relação pensamento e linguagem, estuda como crianças, antes de concluir o primeiro ano de vida, já dão sinais de que as funções da fala estão presentes e, antes de completar os dois anos, “las curvas del pensamiento y del habla, hasta entonces separadas, se encuentran y juntan, dando origen a una nueva forma de

comportamento” (VYGOTSKY, [1986] 2015, p.148). Pensamento e linguagem é praticamente sinônimo de pensamento e fala. O pensamento passa a ser dito, verbalizado, a criança começa a perguntar o nome de tudo e amplia seu vocabulário, a função social da linguagem está estabelecida. Vale ressaltar que o pensamento não é inteiramente desenvolvido e depois externado, não é algo linear (o pensamento antes e a fala depois), “el pensamiento experimenta muchos cambios al convertirse en habla. No es simplemente que encuentre su expresión en el habla; encuentra su forma y realidad.” (VYGOTSKY, [1986] 2015, p.286)

Vygotsky, no entanto, deixa claro que pensamento e fala possuem raízes diferentes. Os estágios de maturação do cérebro são alterados biológica e socialmente, isso nos permite pensar que se o modo de “representar” o pensamento não fosse verbal, a criança, por volta dos dois anos de idade também iria compreendê-lo e se desenvolveria intelectualmente, “la naturaleza misma del desarrollo se transforma, de biológica a sociohistórica” (VYGOTSKY, [1986] 2015, p.161). Nosso cérebro não tem um único modo de produzir caminhos para a comunicação; embora a linguagem (verbal) seja, sem dúvida, a mais completa e complexa que possuímos, não se pode ignorar as demais possibilidades e o quanto elas se fazem cada dia mais presentes.

A fala é também organizadora do pensamento, tanto que Vygotsky explica a “fala interior” como a atividade de falar consigo mesmo, em silêncio, visando à autorregulação, ao planejamento e ao autocontrole. Poderiam outros modos de linguagem contribuir para esse fim? Antes da criação de um conjunto verbal comum, desenhariam os homens sobre a terra, usando um graveto, para organizar suas ideias? Imaginariam sequências de objetos interconectando-se para determinado fim? É possível que imagens e outros signos colaborem na organização do pensamento?

Vygotsky evidencia que considera as operações mentais por meio de outros signos, chega a afirmar que suas pesquisas demonstram que o desenvolvimento da fala “sigue el mismo curso, y obedece a las mis leyes, que el desarrollo de todas las demás operaciones mentales que implican el uso de signos” (VYGOTSKY, [1986] 2015, p.153). Discorre amplamente sobre os signos de modo geral, sobre sua importância no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, destaca que o “signo constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente” (VYGOTSKY, [1984] 2007, p.55) e que isso ocorre pela transformação de um processo interpessoal em um processo intrapessoal, resultante da “internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas” (VYGOTSKY, [1984] 2007, p.58); entretanto, apesar desse amplo debate, não

coloca todos os signos do conjunto linguagem, não os insere, pelo menos não explicitamente, nessa nomenclatura.

O termo linguagem é usado tanto para se referir ao pensamento, “fala egocêntrica”, “fala privada”, “fala interior”, quanto ao uso exterior, “linguagem falada”, “linguagem escrita”. Signos visuais, gestuais, pictóricos etc. são contemplados e são de grande relevância para essa teoria, porém não parecem estar inclusos no termo linguagem.

Por fim, com base nos estudos de Vygotsky, língua e linguagem possuem uma distinção. A linguagem está diretamente relacionada à capacidade humana de criar e exprimir significados e revolucionar sua própria espécie. Nos estudos vygotskyanos, a língua, enquanto comportamento verbal, é nossa principal linguagem, por isso tantas vezes aparece como sinônimo desta, mas, se a língua for concebida apenas como palavras, sons, e “desenho de letras”, língua não é linguagem; linguagem é um sistema simbólico, necessário e provido de significado. É possível ensinar sons e letras sem ensinar linguagem.

Estudos sobre os letramentos acadêmicos que se fundamentam em Vygotsky precisam ter cautela ao utilizar o termo “linguagem”, tanto pela necessidade de considerar seu caráter simbólico quanto por sua centralidade na palavra, seu signo principal. Vygotsky concede o pensamento via linguagem verbal, a união com teorias como a Semiótica, por exemplo, precisa ser bem construída e ter detalhados seus pontos de divergência e convergência; caso contrário, a estrutura será frágil e facilmente abalada.

PERSPECTIVA DIALÓGICA OU DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Para essa corrente, de grande influência nos estudos dos letramentos acadêmicos, termos como discurso, gêneros do discurso, texto, enunciado, enunciatador, destinatário, responsividade, dialogismo, interação etc. estão sempre circunscritos no contexto dos sujeitos “falantes”, do “intercambio verbal”.

Com bases vygotskyanas e marxistas, linguagem, por vezes, aparece como sinônimo de fala. A centralidade está no evento verbal, na palavra.

Volóchinov ([1979] 2018, p. 92) quando discorre sobre a foice e martelo presentes no brasão da Revolução russa, explica-os como signos ideológicos, mas não os coloca no conjunto da linguagem, fazem parte do “campo ideológico”, “campo dos signos”. O termo linguagem aparece mais adiante, diretamente relacionado ao signo verbal, à palavra:

em lugar algum o caráter sógnico e o fato de a comunicação ser absolutamente determinante são expressas com tanta clareza e plenitude quanto na linguagem. *A palavra é o fenômeno ideológico par excellence*. Toda sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. (VOLOCHINOV [1979] 2018, p.98)

E algo muito peculiar, e pouco discutido dessa corrente teórica, é a concepção de que os demais signos são verbalizados na consciência humana, ou seja, possuem um correspondente verbal, estritamente necessário para sua compreensão,

a palavra acompanha toda criação ideológica como seu ingrediente indispensável [...] Toda as manifestações da criação ideológica, isto é, todos outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem dele e não podem ser nem isolados, nem completamente separados dele. (VOLOCHINOV [1979], 2018, p. 100-101).

Isso não é o mesmo que dizer que as palavras podem substituir por completo outro signo ideológico, mas é defender que

Nenhum signo cultural permanece isolado se for compreendido e ponderado, pois ela passa a fazer parte da **consciência verbalmente formalizada**. A consciência sempre saberá encontrar alguma aproximação verbal com o signo cultural. Por isso, em torno de todo signo ideológico se formam como círculos crescentes de respostas e ressonâncias verbais. Qualquer refração ideológica da existência em formação, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela **refração ideológica na palavra: fenômeno obrigatório concomitante**. A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação. (VOLOCHINOV [1979] 2018, p.101, grifo nosso)

Para considerar que a compreensão de todos os signos só ocorre acompanhada da linguagem, ou seja, do verbal, é preciso ter bem claro que os demais signos, por si só, não são linguagem. Afirmar que um texto é composto por diferentes modos de linguagem seria o mesmo que dizer que um texto tem diferentes modos de palavras. Se o que se deseja é expor os diferentes signos culturais presentes em um ato comunicativo, será necessário explicar como se apresentam (imagem, música, gestos etc) e como se verbalizam na consciência humana para que sejam por ela compreendidos. A compreensão dos signos ocorre pelo discurso interior e este, por sua vez, é verbal, “ a palavra, entendida como discurso interior prevalece enquanto material sógnico do psiquismo” (VOLOCHINOV [1979] 2018, p. 121).

Bakhtin, ao discutir o problema do texto, afirma que

Se por trás do texto não há uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural (não pertencente à esfera do signo); por exemplo, uma combinação de gritos e de gemidos, desprovida de reprodutibilidade linguística (própria do signo). (...). Qualquer texto comporta, por outro lado, elementos que se poderiam chamar técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução, etc.). Assim, por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. (BAKHTIN, [1979] 2003, p. 331)

Não é raro encontrarmos publicações do campo dos letramentos acadêmicos, originadas de estudos fundamentados nessa corrente, que utilizam o termo linguagem adjetivado de “não verbal”, algumas, inclusive, citam trechos de Bakhtin e Volochinov para justificar esse uso; a nosso ver, há uma contradição, pois, nessa perspectiva teórica, o não verbal não é linguagem e precisa dela para ser compreendido pela consciência humana.

O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD)

O ISD, corrente teórica que tem entre suas bases os estudos vygotskyanos e o círculo bakhtiano¹, mantém clara a união entre língua e linguagem e sua especificidade verbal.

Elementos visuais, sonoros e gestuais são denominados de paralinguísticos, paratextuais, supratextuais, extralinguísticos, extralinguageiros e extratextuais. As ações de linguagem propostas por Bronckart (2012) são “ação de linguagem oral” e “ação de linguagem escrita”, o que não se enquadra em unidades verbais não é considerado linguagem.

Bronckart, em muitos momentos, enfatiza que linguagem é o verbal; escolhemos uma de suas afirmações para esse estudo: “a ação de linguagem reúne e integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático, tais como um determinado agente os mobiliza, quando empreende de uma **intervenção verbal**” (BRONCKART, 2012, p. 99, grifo nosso). O autor define textos como “produções **verbais** efetivas que assumem aspectos diversos, principalmente por serem articuladas a situações comunicativas muito diferentes” (BRONCKART, 2012, p. 99, grifo nosso), e nomeia “gêneros textuais” as diferentes espécies de textos elaboradas pelas formações sociais. Em publicação recente, essa concepção de texto é reafirmada,

os textos são as manifestações empíricas das atividades de linguagem dos membros de um grupo e se apresentam como conjunto de produções, mobilizando os recursos de **uma língua natural** [...]os **signos verbais** e seus valores são apresentados em textos. (BRONCKART, 2022, p. 333-334, grifo nosso)

Em uma relação lógica básica, podemos afirmar que, se texto é somente o verbal, os gêneros de texto só contemplam o verbal; os demais elementos presentes não podem ser considerados componentes do gênero. Seriam o quê? Extragenéricos? Paragenéricos? Como considerar que fazem parte do gênero textual se “textual” não os abarca?

¹ Bronckart e Bota (2012) questionam a autoria de Bakhtin em vários textos, mas os estudos realizados são base para o ISD e são referenciados.

Estudos recentes no campo dos letramentos acadêmicos, fundamentados nessa teoria, que se propõem a analisar a multimodalidade, buscam a intersecção com outras correntes. Vale a observação criteriosa do que é possível unir aos pressupostos do ISD. Sendo linguagem um recurso verbal e texto uma manifestação verbal, constitui-se uma divergência paradigmática chamar os recursos não verbais de linguagem e incluí-los, tais como ocorre quando se usam os termos “linguagem visual”, “linguagem gestual”, “modos de linguagem”, “texto multimodal”, “elementos visuais característicos desse gênero textual”, “o texto imagético” etc.

Vemos como um grande desafio, para os filiados a essa teoria, a nomenclatura dos elementos não verbais que são objetos de análise nas práticas de letramentos acadêmicos, principalmente com o advento das novas tecnologias e o uso crescente de imagens e sons nas produções recorrentes no domínio acadêmico-científico.

A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

Em 1996, o reconhecido Grupo de Nova Londres, formado por autores como Bill Cope, Mary Kalantzis, Norman Fairclough, Gunther Kress e James Gee, publicou um manifesto intitulado “A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures”, no qual problematiza questões relacionadas ao uso de novas tecnologias (e o significativo aumento de imagens e sons na comunicação humana) e à necessidade de uma abordagem pedagógica que dê conta de preparar os indivíduos para lidar com essas inovações. Os pesquisadores do grupo explicam que a perspectiva grafocêntrica não dá conta dos múltiplos modos de construir significados, defendem uma abordagem semiótica e propõem a “pedagogia dos multiletramentos”.

Em 2012, Mary Kalantzis, Bill Cope, Eveline Chan e Leanne Dalley-Trim publicam o livro “Literacies”, ampliando o debate, incluindo três aspectos que o termo “letramentos” precisa abarcar: capacitação pessoal, participação cívica e equidade social. Nesse livro, apresentam também propostas de atividades e caminhos didáticos que professores da Educação Básica podem seguir.

Em 2020, Bill Cope, Mary Kalantzis e Petrilson Pinheiro publicam uma versão brasileira desse livro, “Letramentos”, com exemplos, referências e propostas de atividades pensadas para o contexto educacional brasileiro, com forte inclusão da história das línguas indígenas do Brasil.

Embora bastante centrados na Educação Básica, os estudos desse grupo tornaram-se fonte teórica para muitas propostas e pesquisas que envolvem os letramentos acadêmicos. A multimodalidade presente nos mais diversos gêneros textuais acadêmicos parece ser contemplada por essa perspectiva. Porém, cabe a pergunta: essa perspectiva conceitua multimodalidade como diferentes modos de linguagem na construção de significados? Considera a linguagem como um conjunto que abarca diferentes semioses?

Não encontramos uma definição clara de linguagem nesses estudos. A multimodalidade não aparece como o uso de diferentes modos de linguagem, esse termo “linguagem” é subtraído. A multimodalidade é definida como o

uso combinado de diferentes modalidades de construção de significados: escrita, visual, audiovisual, espacial, tátil e oral. [...] Uso de mais de um modo em um texto ou um evento de construção de significado. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 47 - 181)

Esses modos são sempre retomados como “modos de significação”. Na obra, localizamos a definição de “linguagem social” como sendo

o modo particular de comunicação de um grupo social – por exemplo étnico, grupo por faixa etária, por profissão, por afinidade ou interesse, ou grupo que compartilha a compreensão de um certo tipo de tecnologia. O vocabulário que o grupo usa, o modo como seus membros expressam suas ideias e suas formas de comunicação podem parecer estranhos ou difíceis para os que estão de fora. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 61)

Em alguns trechos do livro, linguagem aparece como sinônimo de língua; em outros, como discurso de poder e, somente na versão brasileira, por fazer referência à BNCC, aparece linguagem como um conjunto que abrange o verbal e o não-verbal, o que parece, de certa maneira, uma incoerência com as demais proposições da teoria, algo que precise ser revisto ou melhor explicado nessa versão. Os próprios autores, ao explicar o uso do termo “letramentos” (no plural) afirmam que vem da necessidade de abarcar a existência de tipos diferentes de uso da língua, em diferentes contextos (formal, informal, de trabalho etc); não estabelecem, nesse momento, nenhuma relação com modos não verbais de construir significados. Essa discussão virá depois.

São essas lacunas que nos fazem, constantemente, questionar o que é linguagem, língua, texto e letramentos para cada corrente teórica e como podem influenciar as práticas de ensino e as pesquisas no campo acadêmico brasileiro.

Nessa teoria dos multiletramentos, do Grupo de Nova Londres, a construção dos significados ocorre mediante um processo que denominam *Design*, “The key concept we

introduce is that of Design, in which we are both inheritors of patterns and conventions of meaning and at the same time active designers of meaning” (CAZDEN *et al.*, 1996, p. 65), e o definem como “um padrão de significado e também um processo de construção de significados” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 172). Os autores explicam que escolheram esse termo por possuir dois significados que se complementam para essa definição: o substantivo *design* como a estrutura de algo, e *design* do verbo “designar”, como uma sequência de ações, como representação.

Termos como *processo de designing*, *redesigned*, *atos de design* etc. parecem substituir outros que, nas teorias que lhes inspiraram, estão mais restritos à língua. O *design* abarca a construção de sentidos pela integração de diferentes modos. O verbal não tem, necessariamente, um papel central, podendo, em alguns casos, nem estar presente, “A pedagogy of multiliteracies, by contrast, focuses on modes of representation much broader than language alone” (GAZDEN *et al.*, 1996, p.64). Na pedagogia do design “todas as formas de significação, incluindo a língua, são consideradas como processos dinâmicos de transformação” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 177). O “design linguístico” contempla a linguagem, a metalinguagem, a natureza da mensagem, o discurso, os elementos constitutivos do texto, o léxico, a coesão, as relações lógicas, a composição textual, a entonação, o ritmo, o sotaque etc., ou seja, aspectos que envolvem as manifestações orais e escritas. Os demais modos estão inclusos em “designs for other modes of meaning” (CAZDEN *et al.*, 1996).

Antes que nos dispersemos, abordar brevemente esses termos serviu para evidenciar que os diferentes modos de construir sentido não são nomeados de “linguagem” por essa teoria. Sempre que se fala de “modos”, não se usa “modos de linguagem” e sim “modos de significação²”. Linguagem está mais estritamente ligada ao verbal e é resinificada ao ser considerada mais um dos modos de significação.

Quando discutem os significados visuais, fazem uma crítica à perspectiva de que tudo na nossa mente é estruturado por meio da linguagem e de que esta cria todo significado, ou seja, criticam a concepção de que é a partir da nomeação (língua/verbal) que as coisas passam a existir de forma significativa (KALANTZIS, COPE, PINHEIROS, 2020, p. 246).

Nesse debate, linguagem é o construto verbal, é sinônimo do modo verbal de construção de significado, sendo incoerente pensar no uso do termo “linguagem gestual” ou “linguagem

² Nessa teoria, identifica-se sete modos: escrito, visual, espacial, tátil, gestual, auditivo e oral (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 181).

não verbal”. Talvez seja por isso que os autores evitam o uso do termo “linguagem” e utilizam “design visual”, “imagens mentais”, “significados gestuais/espaciais/táteis” etc.

Cabe pensar em como esses conflitos estão ponderados nos estudos sobre letramentos acadêmicos, principalmente naqueles cujo foco está na multimodalidade. Com base em qual corrente teórica é possível definir multimodalidade como a integração de diferentes modos de linguagem na construção de sentidos de um texto? Será que os que se fundamentam nos estudos da Pedagogia dos Multiletramentos podem defini-la desse modo?

CONSIDERAÇÕES NÃO TÃO FINAIS

Recentemente, em um momento de diálogo no intervalo das aulas, uma aluna disse: “eu não sei o que dizer, eu preciso de um emoji para expressar o que estou sentindo”. Essa fala reverberou em nossa mente. Retomando a afirmação de Vygotsky, de que a natureza do desenvolvimento se transforma de biológica em sócio-histórica, seria possível afirmar que, se nossas interações sociais tivessem se consolidado por outros meios, a mente humana poderia ter se desenvolvido por uma união entre pensamento e signos não verbais? Se a linguagem é a organizadora do pensamento, poderia ser ela também de outra ordem além do verbal? Poderia o não verbal ser mais do que uma memória? Estaria essa aluna, nesse momento, operando mentalmente com um signo não verbal para organizar seus pensamentos? Com o advento da internet e a possibilidade de representar, com muito mais facilidade, o real por meio de signos imagéticos, poderíamos ter novas configurações do pensamento humano? O que caberia no conjunto linguagem?

Essas questões embalam nossas reflexões, mas até que tenhamos respostas, sugerimos que o uso dos termos língua e linguagem seja feito de modo mais cuidadoso. A maioria das teorias que subjazem os estudos sobre letramentos acadêmicos parece não considerar os signos não verbais como constitutivos da linguagem. Até as propostas mais defensoras de seu potencial na construção dos significados, não os incluem no conjunto linguagem. São “extralingueiros”, pertencentes ao “campo dos signos ideológicos”, constituem um “design visual”, possuem “significados gestuais/espaciais/táteis...”.

Parece ser consensual que língua contempla os signos verbais e que, por sua vez, pode ser considerada uma face da linguagem. Os demais signos são abordados de diferentes maneiras. O ISD, a princípio, evidencia que não pretende categorizá-los, convidando outros estudiosos para realizar esse trabalho. Para a Perspectiva Dialógica, esses signos só são

compreendidos pela consciência humana quando complementados pela linguagem (verbal). Na Perspectiva dos Multiletramentos, parecem ter o mesmo peso do verbal, são modos equivalentes de construção de significados, entretanto não estão incluídos no conjunto da linguagem, recebem outras nomenclaturas.

Temos plena consciência de que há muito o que se discutir sobre essas teorias e que a exposição que fizemos aqui é bastante insipiente, queremos apenas contribuir com o debate, levantar novas questões, pensar junto, problematizar para aperfeiçoar nossa própria jornada.

Como professoras e pesquisadoras atuantes do campo dos letramentos acadêmicos, estamos preocupadas com o desenvolvimento de um trabalho sólido, bem alicerçado; a estrutura que se ergue a partir de boas bases pode ter diferentes configurações arquitetônicas sem abalar-se. O caminho parece ser explicitar o percurso para a seleção dos materiais/estudos da fundamentação de nossas ações didáticas e de pesquisa, cuidando para não forçar a união entre perspectivas antagônicas ou com divergências em elementos essenciais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2012.

BRONCKART, J. P. **Teorias da Linguagem: nova introdução crítica**. Campinas: Mercado das Letras, 2022.

BRONCKART, J. P.; BOTA, C. **Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo**. São Paulo: Parábola, 2012.

CAZDEN, C. et al. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; CHAN, E.; DALLEY-TRIM, L. **Literacies**. Cambridge University Press, 2012.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

VYGOTSKY, L. S. [1984]. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. [1986]. **Pensamiento y lenguaje**. España: Barcelona: Paidós, 2015.

VOLÓCHINOV, V. [1979]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.